

SOBRE A VALIDADE DE *LUTZOMYIA (TRICHOPHOROMYIA)*
VIANNAMARTINSI SHERLOCK & GUITTON, 1970
(DIPTERA, PSYCHODIDAE, PHLEBOTOMINAE) ¹

ÍTALO A. SHERLOCK e NEIDE GUITTON

Núcleo de Pesquisas do INERU — FOCRUZ — Salvador — Bahia

(Com 9 figuras no texto)

Mangabeira, em 1942, descreveu, entre outras, as espécies de flebotomíneos *Phlebotomus auraensis* e *Phlebotomus ubiquitalis*. No mesmo trabalho, também descreveu *Phlebotomus brachipygus*, julgando ser a espécie mais próxima desta, o *Phlebotomus rostrans* Summers, 1912 (7).

Theodor, em 1948, elevou a gênero o subgênero *Lutzomyia* França, 1924, e Barretto, em 1962, criou o subgênero *Trichophoromyia*, onde atualmente as espécies acima mencionadas estão incluídas (13-1).

Em 1970, fizemos uma revisão das espécies do subgênero *Trichophoromyia*, adotando a subdivisão dos grupos propostos por Barretto (1962). Nesse mesmo trabalho, também descrevemos uma nova espécie de *Phlebotominae* designando-a de *Lutzomyia viannamartinsi*, a qual pertencia ao grupo *Brachipyga* do subgênero *Trichophoromyia*, de Barretto (1962) (12).

¹ Recebido para publicação a 4 de junho de 1975.

Trabalho do Núcleo de Pesquisas do INERU — FOCRUZ — Salvador — Bahia.

Forattini, em 1971 (2) sem levar em consideração qualquer característica grupal, quer morfológica ou biológica, propõe uma classificação para os flebotomíneos americanos. Estando fora dos critérios adotados pela maioria dos que trabalham com esses dípteros e sem ter uma base natural para o agrupamento das espécies, essa confusa e arbitrária classificação, evidentemente não poderia ser aceita. No máximo, o que poderia ser aproveitado dessa classificação, porém, com certas reservas, seria a elevação de alguns subgêneros clássicos, para a categoria de gêneros, como por exemplo o subgênero *Pintomyia* Lima, 1932.

Infelizmente, os gêneros e subgêneros *Lutzomyia*, e *Brumptomyia* e *Psychodopygus* como são definidos e subdivididos por Forattini (2-4), são incaracterizáveis e completamente diferentes dos descritos originalmente e classicamente aceitos. Somente da maneira clássica como foram definidos por Barretto (1962) e Theodor (1965) é que alguns desses subgêneros poderiam ser elevados à categoria de gênero, e não como Forattini propôs.

Inúmeras espécies de flebotomíneos muito afastadas na escala zoológica, são incluídas por Forattini (2-4) num extenso e heterogêneo grupo que designa de subgênero *Trichophoromyia*, completamente diferente do criado por Barretto com o mesmo nome. Este subgênero é, ainda mais, incluído por Forattini num gênero que designa de *Psychodopygus*. Não pode tratar-se da elevação de um subgênero à gênero, pois esse *Psychodopygus* de Forattini é definido de forma completamente diferente da do subgênero original *Psychodopygus* criado por Mangabeira em 1942 e muito bem caracterizado por Barretto em 1961 e Martins e colaboradores em 1968 (1-8).

A espécie *Lutzomyia (Trichophoromyia) brachipyga* (Mangabeira, 1942) é incluída por Forattini (1973) nesse seu subgênero "*Psychodopygus*" e o referido Autor considera a espécie *Lutzomyia (Trichophoromyia) viannamartinsi* Sherlock & Guitton, 1970, sinônima da primeira espécie (4).

Não foi possível para nós entendermos, como Forattini, que teve oportunidade de examinar material de ambas as espécies, conforme declara em seu livro (4), não conseguiu observar as aberrantes diferenças morfológicas existentes entre as mesmas, conforme foram apresentadas na descrição original de *L. (T.) viannamartinsi* (12). Essas diferenças podem novamente ser verificadas no presente trabalho, principalmente nas figuras 1 a 9 que aqui mostramos.

Não é correto também o que afirma Forattini (4) de que no tufo do basistilo é possível verificar a ocorrência freqüente de algumas cerdas mais robustas, ou mesmo espiniformes, além das duas maiores que se destacam. A figura 140 J que Forattini apresenta no seu livro (4), é um desenho exagerado de uma pequena cerda extranumerária, e corresponde, fora de dúvidas, a uma anomalia rara e unilateral de *L. (T.) viannamartinsi*. Na revisão que agora fizemos

dos exemplares dessa espécie que se encontraram em nosso poder, não observamos qualquer um com a referida anomalia e, portanto, a mesma não é freqüente. Como foi por um de nós observado anteriormente (10/11), anomalias morfológicas diversas podem ocorrer com os flebotomíneos, não querendo, contudo isso, significar tratar-se de uma característica de valor específico.

Além das aberrantes diferenças morfológicas existentes entre as espécies *L. (T.) brachipyga* e *L. (T.) viannamartinsi*, as dimensões diferentes dos aparelhos genitais dos machos dessas espécies de flebotomíneos ainda mais reforçam o fato de tratarem-se de duas entidades específicas bem distintas, embora localizadas proximamente, conforme podem ser vistas nas figuras 1 a 9.

Se Forattini ao menos as tivesse comparado dimensionalmente, teria evitado o erro de considerá-las sinônimas. Não acreditamos que aqui tivesse influído o fato de esse Autor não querer levar em consideração as diferenças dimensionais que existem entre as espécies de flebotomíneos, conforme diz em 1971 (3).

As diferenças dimensionais existentes entre as espécies acima referidas não se tratam de variações de tamanhos de espécimens, causadas por fatores nutricionais, como pode ocorrer em criações de laboratório. Como sabemos, as descrições originais de ambas essas espécies e as observações que aqui apresentamos, foram baseadas em exemplares coletados na natureza. Portanto, é admissível que as condições de nutrição e desenvolvimento físico de ambas as entidades, fossem as ideais. No entanto apenas as genitálias dessas espécies diferem em tamanho, enquanto que as outras partes dos corpos, tais como os palpos, as asas, os fêmures etc., têm muito aproximadamente as mesmas dimensões, conforme os dados abaixo.

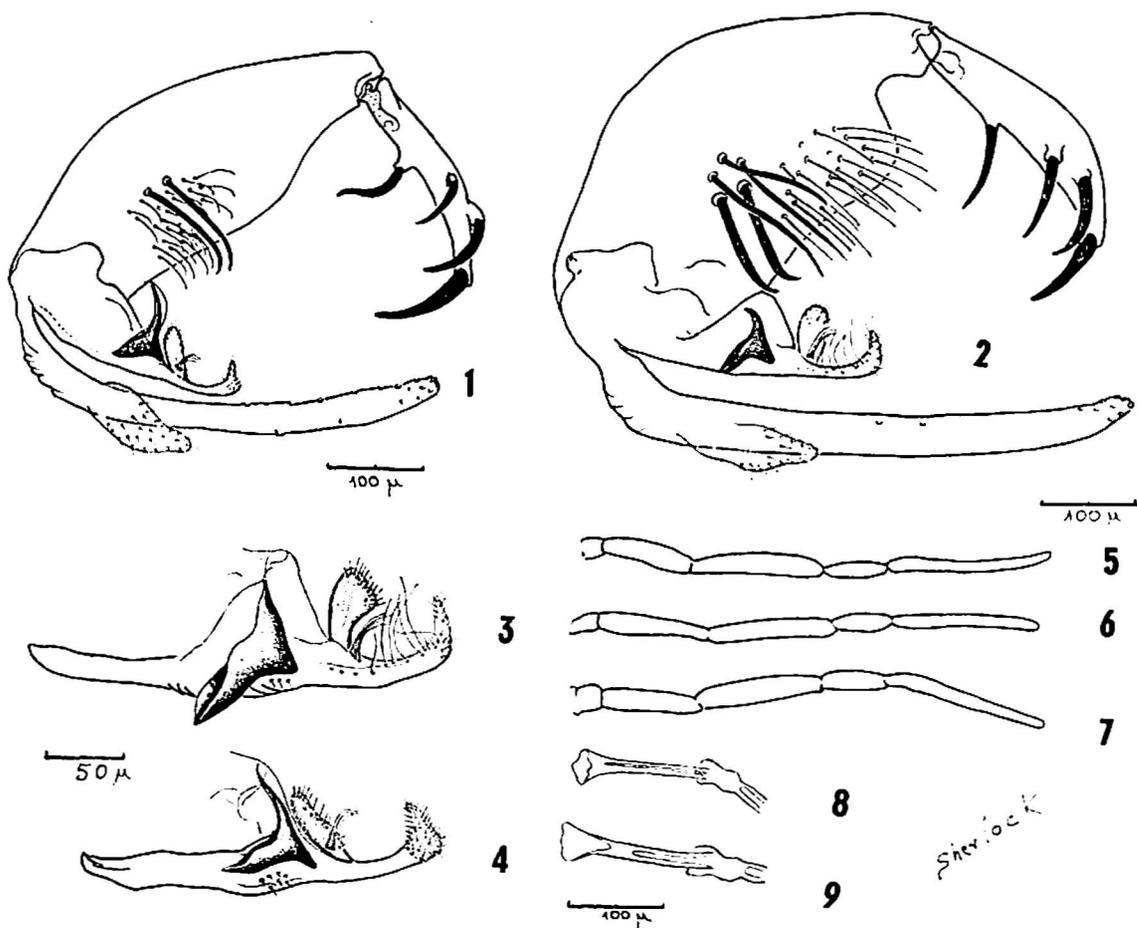
L. (T.) brachipyga
Medidas em micra

L. (T.) viannamartinsi
Medidas em micra

Asa comprimento X largura	— 1.800 x 648	1.827 x 594
Fêmur posterior	— 1.026	1.000
Tíbia posterior	— 1.674	1.674
III Segmento antenal	— 270	234
Genitália:		
basistilo	— 684	414
dististilo	— 306	234
claspetes	— 288	234
gonapófise inferior	— 558	468
espículos	— 1.260	1.080

Forattini (1971) acha que o emprego de medidas das partes do corpo dos flebotômíneos para a caracterização específica seja um método, além de pouco prático, sujeito

grandemente a falhas. Entretanto, somos da opinião de que mesmo que isso seja verdadeiro, em hipótese alguma é admissível que uma espécie seja descrita como nova,



Lutzomyia (T.) viannamartinsi — Fig. 1: genitália do macho; fig. 4: claspete; fig. 6: palpo do macho; fig. 8: pompeta. *Lutzomyia (T.) brachipyga* — Fig. 2: genitália do macho; fig. 3: claspete; fig. 7: palpo do macho; fig. 9: pompeta. *Lutzomyia (T.) eurypyga* — Fig. 5: palpo do macho.

e não sejam apresentadas as suas medidas. Estamos de acordo que, na prática, após identificação correta da espécie, a identificação de exemplares similares coletados simultaneamente, pode ser feita apenas por comparação qualitativa.

Também temos de discordar de Forattini (3) quanto a essa idéia, de que não se dispõe de dados satisfatórios sobre a densidade populacional desses dípteros que possam servir de amostra representativa. Se considerado por esse prisma, jamais será possível sabermos exatamente qual a amostra com significado estatístico que deveria ser estudada de cada espécie. Se não for possível levarmos em consideração os caracteres morfológicos e as dimensões das partes do corpo desses dípteros para a identificação específica, então, em que poderemos nos basear para sabermos o que é uma espécie de flebotomíneo e diferenciá-las umas das outras?

Um aspecto também abordado por Forattini (3) e que também desejamos esclarecer é o da identificação dos sexos opostos de uma espécie de flebotomíneos, com base na captura simultânea de machos e fêmeas. Somente esse dado não é condição segura para a associação dos sexos opostos. Inclusive, até mesmo não é segura a associação específica de casais pegados em cópula, pois podem pertencer a espécies diferentes. Já tivemos a oportunidade de observar inúmeras vezes, em capturas na natureza, e em trabalhos de laboratório, a tentativa de cópula entre espécies de flebotomíneos muito afastadas e diferentes morfológicamente, em que os machos pertenciam a espécies distintas das fêmeas. Por vezes mesmo, até a gêneros distintos os sexos opostos pertenciam, como por exemplo a *Brumptomyia* e *Lutzomyia*. Dessa forma, a única garantia absoluta da identificação dos sexos opostos que se tem é a criação em laboratório. Não quer dizer contudo que, na prática, não se possa admitir que os sexos opostos descritos como pertencentes a uma espécie, quando freqüentemente são coletados juntos, não o sejam.

Há muita probabilidade de isso ocorrer, o que é do conhecimento dos que trabalham com flebotomíneos e foi bem documentado por um de nós com as espécies *Lutzomyia lenti* e *Lutzomyia evandroi* (9).

Junto a machos de *L. lenti*, era coletada grande quantidade de fêmeas identificadas como *L. evandroi*; entretanto, raríssimos eram os machos desta última espécie coletados simultaneamente nestas mesmas capturas. A suspeita de filiação dos sexos pela captura simultânea repetida de machos e fêmeas, conduziu à associação dos sexos, confirmados após pela criação de *L. lenti* em laboratório (9). Entretanto, apenas na falta de dados mais seguros de laboratório e com certas reservas, a associação dos sexos pela captura simultânea deve ser admitida, o que terá alguma probabilidade de certeza.

Finalmente, como estamos tratando de uma espécie de subgênero *Trichophoromyia* ao qual a espécie *L. (T.) rostrans* (Summers, 1912) também pertence, desejamos salientar que foi possível ao primeiro Autor deste trabalho, examinar, no British Museum, o tipo de *L. (T.) rostrans* e constatar que esta espécie tem, no seu basistilo, as 4 cerdas bem basais, que representam a principal característica que a separava de *L. (T.) octavioi* (Vargas 1949) (= *L. T. affinis* Mangabeira, 1942). Dessa forma, como Theodor (1965) suspeitava, agora confirmamos serem essas espécies sinônimas. Com base nas regras de prioridade da Nomenclatura Zoológica Internacional, a denominação de *L. (T.) rostrans* (Summers, 1912), deverá ser a válida para a espécie. *L. (T.) rostrans* (Summers, 1912), foi muito bem redescrita por Lewis em 1967, baseada no holótipo depositado no British Museum.

SUMÁRIO

É demonstrada a validade da espécie *Lutzomyia (Trichophoromyia) viannamartinsi* Sherlock & Guitton, 1970. Os Autores salientam não estarem de acordo com a sistemática e a classificação proposta por Fo-

rattini, em 1971, considerada artificial e confusa.

Foi constatado ser a espécie *Lutzomyia* (*T.*) *octavioi* (Vargas 1949) sinônima de *Lutzomyia* (*T.*) *rostrans* (Summers, 1912).

ABSTRACT

Lutzomyia (*Trichophoromyia*) *viannamartinsi* Sherlock & Guitton, 1970 shown to be a valid species of *Phlebotominae*.

The Authors emphasize their disagreement with the classification proposed by Forattini (1971) which is considered to be artificial and confusing.

L. (T.) octavioi (Vargas, 1949) is considered a synonyme of *L. (T.) rostrans* (Summers, 1912).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARRETTO, M. P. — 1962 — Novos subgêneros de *Lutzomyia* França, 1924 (Diptera, Psychodidae, subfamília Phlebotominae). *Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo*, 4 (2): 91-100.
2. FORATTINI, O. P. — 1971 — Sobre a classificação da subfamília Phlebotominae nas Américas (Diptera, Psychodidae). *Pap. Avulsos Zool.*, 24 (6): 93-111.
3. FORATTINI, O. P. — 1971 — Nota sobre *Psychodopygus squamiventris* (Lutz & Neiva, 1912) e espécies afins (Diptera, Psychodidae). *Rev. Saúde Publ. S. Paulo*, 8: 151-154.
4. FORATTINI, O. P. — 1973 — Entomologia Médica. 4.º volume. Psychodidae. Phlebotominae. Leishmanioses. Bartoneloses. Editora Edgard Blucher Ltda. 658 pp.
5. LEWIS, D. J. — 1967 — Redescriptions of two South American Sand - flies (Diptera, Psychodidae) *Proc. R. Ent. Soc. Lond. (B)* 36 (9-10): 131-136.
6. MANGABEIRA F.º, O. — 1941 — 4.ª Contribuição ao estudo dos *Flebotomus*. n. Subg. (Diptera, Psychodidae). *Mem. Inst. Osw. Cruz*, 36 (3): 237-255.
7. MANGABEIRA F.º, O. — 1942 — 7.ª Contribuição ao estudo dos *Flebotomus* (Diptera: Psychodidae). Descrição dos machos de 24 novas espécies. *Mem. Inst. Osw. Cruz*, 37 (2): 111-218.
8. MARTINS, A. V.; MACIEL, C. S. & SILVA, J. E. da — 1968 — Notas sobre os flebotomos do grupo *Squamiventris* do subgênero *Psychodopygus* Mangabeira, 1941. (Diptera, Psychodidae). *Bol. Museu Hist. Nat. Minas Gerais*, 1: 1-33.
9. SHERLOCK, I. A. — 1957 — Sobre o *Phlebotomus lenti* Mangabeira, 1938 (Diptera, Psychodidae). *Rev. Brasil. Biol.*, 17: 77-89.
10. SHERLOCK, I. A. — 1958 — Anomalias de *Phlebotomus longipalpis* Lutz & Neiva, 1912 (Diptera Psychodidae). *Rev. Brasil. Biol.*, 18: 433-437.
11. SHERLOCK, I. A. — 1963 — Variability of the genitalia of *Phlebotomus bahiensis* (Diptera, Psychodidae). *Rev. Brasil. Biol.*, 23: 49-53.
12. SHERLOCK, I. A. & GUITTON, M. — 1970 — Notas sobre o subgênero *Trichophoromyia* Barretto, 1961 (Diptera, Psychodidae, Phlebotominae). *Rev. Brasil. Biol.*, 30 (2): 137-150.
13. THEODOR, O. — 1948 — Classification of the old World species of the subfamily Phlebotominae. (Diptera, Psychodidae). *Bull. Entomol. Res.*, 39: 85-115.
14. THEODOR, O. — 1965 — On the classification of the American Phlebotominae. *J. Med. Entomol.* 2 (2): 171-197.